

REVISTA

BULUNGA

setembro de 2022 - número 9



Canario.Federici

NESTE NÚMERO

**ENTREVISTA COM O ATOR
EVANDRO ANTUNES**

Editorial

All Capone ficou famoso, em Chicago/EUA, nos anos 1920/30, com as atividades criminosas que promoveu, principalmente com o comércio e contrabando de bebidas, durante a Lei Seca que prevaleceu nos EUA, corrompendo as mais variadas autoridades, só tendo sido preso por sonegação de impostos, depois de ser implacavelmente "caçado" por Eliot Ness, famoso policial considerado incorruptível, que formou uma equipe conhecida como "Os Intocáveis". Vale dizer que Ness morreu pobre e desmoralizado, após abandonar o local de um acidente de trânsito aparentemente provocado por ele. Mas tudo indica que foi "armação".

Nos dias de hoje, no Brasil, "Intocáveis" são os bandidos, beneficiados por uma legislação absolutamente confusa e por interpretações contraditórias, sendo que alguns desses elementos são colocados por políticos em posições estratégicas para livrá-los de eventuais ações criminosas futuras.

O país passa pelo seu mais crítico período histórico, com a população dividida entre a moralização e a imoralidade, entre a legalização e a ilegalidade, com parte significativa do povo preferindo optar pelos criminosos, como numa síndrome de estocolmo coletiva.

Naquela Chicago do passado, muitas famílias apoiavam os bandidos, dando-lhes cobertura, pois vários de seus membros, velhos, adultos ou crianças, trabalhavam para a Máfia, nas mais diversas funções, e hoje a história se repete, em nosso país, com existência de uma vasta rede de tráfico de drogas, prostituição, cargos fantasmas e desvio de verbas que domina esta decadente República.

A pandemia acabou. Ou se não acabou, virou epidemia. E esta não vai acabar. Nunca mais. Os sintomas e as consequências do vírus denominado Covid-19 passaram a ser, para a grande maioria das pessoas, semelhantes aos de uma "gripezinha", mas vale lembrar que pessoas debilitadas fisicamente também podem morrer em decorrência de um susto, de uma mudança de temperatura e até mesmo de uma gripe comum.

E assim muitos usarão máscaras para sempre, por mais ineficazes que sejam, principalmente as improvisadas com restos de tecidos, ou as descartáveis utilizadas repetidas vezes.

Algumas pessoas ainda se recusam a sair de casa, porque pensam que irão morrer. E estão certas: todos iremos morrer um dia. As pessoas morrem dentro ou fora de casa, mas não se dão conta disso, e algumas só ficam sabendo depois que começam a jogar terra sobre o caixão. Estão amedrontadas com o medo imposto pelas autoridades que se deliciaram com a facilidade em desviarem verbas e com a possibilidade de se elegerem ou se reelegerem ao se colocarem como os "salvadores", espalhando o medo e o terror.

O que nos desalenta não são propriamente as máscaras, pois em alguns casos até servem para amenizar a feiúra e o bafo dos usuários, mas o fato de que essas pessoas ainda acreditam em políticos e em emissoras de tvs e os jornais, que são como urubus, farejando a morte. Se esses disserem à população que todos precisarão cortar uma das orelhas, por qualquer motivo estúpido que seja, muitos cortarão prontamente.

A pandemia evidenciou o perigo da manipulação das massas. O mundo parou, diante de medidas protetivas que chegaram ao cúmulo do absurdo, e que agora trazem consequências danosas à economia mundial. A Europa está em crise. Os Estados Unidos estão em crise, e também o Japão, e a China. A Rússia deflagrou uma guerra contra a Ucrânia, que pode envolver outros países. Pode haver uma crise geral de desabastecimento. E podem faltar, inclusive... máscaras. Como iremos sobreviver?



FÁBULAS

por Michel Salomão



Existem dezenas, talvez centenas de fábulas conhecidas pelo público, como “A Raposa e as Uvas”, “A Lebre e a Tartaruga” e “A Festa no Céu” (o Sapo e o Urubu), sendo que a mais utilizada em textos de autoajuda e cursos de gestão é “A Cigarra e a Formiga”, mas todas elas servem para estabelecer valores e princípios, através de figuras personificadas, geralmente, de animais.

No passado, as pessoas eram incentivadas a trabalharem incansavelmente, a construírem a carreira em uma empresa, a constituírem família, no padrão papai, mamãe e filhinhos, mas naquele tempo os jovens também sonhavam em ser artistas de TV, cantores e jogadores de futebol, e hoje a garotada só se interessa em ser youtuber, tick-toquer, MC ou em entrar para um “reality show”.

A vida é cheia de altos e baixos. Muitos atribuem a esses momentos questões relacionadas a sorte ou azar, mas na verdade é possível evitar que tais oscilações tragam consequências mais danosas em tempos de “vacas magras”, como fez o personagem bíblico José (Gênesis 39 e seguintes), que salvou o Egito de um terrível período de escassez, que durou sete anos, cuidando de estocar a safra de grãos dos sete anos anteriores.

Quantas vezes já ouvimos os relatos de gente fa-

mosa que perdeu tudo, depois de se esbaldar com o luxo e a ostentação, que não agiu com prudência e jogou tudo pela janela, por conta da farra desmesurada?

A fábula da Cigarra e a Formiga ilustra muito bem essa situação. De acordo com a narrativa, a Cigarra curtia a vida cantando, enquanto a formiga trabalhava incansavelmente, mas quando chegou o inverno a cigarra veio recorrer à formiga, que ironizou a situação, dizendo: “você não ficou cantando durante esse tempo todo? Agora dance”.

A fábula não mostra se depois dessa “lição de moral” a cigarra acabou sendo ajudada pela formiga, mas podemos deduzir que não, pois as formigas parecem ser muito racionais e rabujentas, pouco chegadas a sentimentalismos.

Essas narrativas sempre terminavam com uma “moral da história”, deixando uma mensagem de altruísmo e perseverança, bem diferente dos dias de hoje, quando a maioria das pessoas parece optar pelo “imoral da história”: apoiam bandidos, corruptos e malfeitores em geral, em busca de vantagens que podem obter de forma mais imediata, não se importando com o futuro, que pode ser ainda pior do que foi para a cigarra.

Michel Salomão

EVANDRO ANTUNES

Evandro Antunes é uma simpatia de pessoa. Extremamente simples, é um talentoso ator, que já atuou em dezenas de peças teatrais, filmes, comerciais de televisão, foi apresentador de programas de rádio e TV, professor de interpretação e que agora dedica grande parte do seu tempo a trabalhos voluntários com crianças, em Uberlândia/MG. Absolutamente isento de “estrelismos” e da característica arrogância de muitos artistas menos expressivos que vemos por aí, quem olha para esse senhor sempre sorridente, de 63 anos de idade, mal sabe a bagagem que carrega em seus mais de 45 anos de uma carreira recheada de sucessos. Ironicamente, em uma de suas primeiras peças, fez o papel de um Gênio do Mal que tinha uma máquina que fazia os doces desaparecerem, e as crianças o odiavam por causa disso. Antes desse episódio, porém, havia interpretado o papel de “Leite” (isso mesmo, o líquido), mas preferimos deixar que ele mesmo conte essas histórias engraçadas e até emocionantes, principalmente quando fala da superação de uma grave doença, e da fé em Deus, que não abandona desde a sua mais tenra idade.

Bulunga – Evandro, fale um pouco sobre o começo, sobre a sua infância.

Evandro Antunes - Desde menino gostei de teatro, circo, cinema, mas era muito tímido e gago, e o pessoal ficava debochando de mim. As minhas tias faziam algumas peças no cinema-teatro de Monte Azul, onde tinha um palco, e uma das primeiras em que atuei foi “A Bruxinha que Era Boa”, de Maria Clara Machado. A família era toda envolvida, e a minha avó escrevia e me incentivava muito, dava livros e discos. Gostava muito de música, de rádio, e sempre quis ser artista. Quando a televisão chegou em Monte Azul, só havia a Rede Tupi, transmitida pela Redel Itapoã, da Bahia. Meu sonho era trabalhar na TV Tupi. Já em Belo Horizonte, eu via a TV Itacolomi e escrevia para os apresentadores falando que queria trabalhar lá. Quando o circo ia na minha cidade, fazíamos amizade com os meninos que eram artistas ou filhos dos artistas, e a agente os levava para casa, para almoçarem, e eles ficavam doidos para terem uma casa, um quarto, e nós todos doidos para morarmos em um circo.

Bulunga – E foi uma infância tranquila?

Evandro Antunes - Não tive uma relação muito próxima com o meu pai, pois naquele tempos a figura paterna era mais distante, mas um dia assisti um filme francês onde o pai cuidava sozinho do filho, e aí eu falava para a minha mãe que quando crescesse iria ser um bom pai, que nem o cara do filme. Queria fazer como o Tarzan, que cuidava do Boy.

Acabei me aproximando do meu pai, já no fim da vida, e ele se converteu e chorou muito, dizendo que poderia ter tido uma amizade maior comigo, como a que eu tinha com o meu filho. O meu filho é músico, professor de matemática e formado em engenharia de produção. Nós somos muito unidos e amigos, e também tive a felicidade de conviver com o meu neto Heitor, principalmente durante o



tratamento da doença que tive. Eu o colocava em uma bacia e fingia que era um disco voador, usava um carrinho de supermercado para dizer que era um carro de Fórmula 1, e ele adorava aquilo tudo.

Também fui muito ligado à minha avó, e quando ainda morava no interior, e ela ia viajar para Belo Horizonte, queria ir com ela, arrumava a minha malinha, mas quando olhava para trás via a minha mãe, voltava para ficar com ela, pois tinha medo de ela morrer.

Na primeira peça teatral que participei, fiz o papel de leite. Sim, leite (risos). Vestia um avental branco e falava a seguinte frase, da qual me lembro até hoje: “leite puro beba sempre, diariamente com prazer, criança bebendo leite tem força para crescer”. Era só essa frase, e nada mais. Foi muito engraçado.

Coincidência que, na época, na escola, eu tinha o apelido de “coxinha de leite”, porque quando vestia o short para fazer educação física mostrava aquelas pernas brancas, e os meninos não perdoavam. Assim, também, peguei o apelido de rato de laboratório e manga rosa, e sofria muito com aquilo.

Bulunga – Quando aconteceu a sua mudança para Belo Horizonte?

Evandro Antunes – Eu me mudei em 79 para Belo Horizonte, com 19 anos, e em 81 fiz um teste para o Palácio das Artes para estudar teatro, mas antes disso já fazia algumas peças, com um grupo chamado “Os Garimpeiros”. Meu primeiro trabalho foi na peça infantil “Espaçolino Visita a Terra”, onde fazia o personagem Curto-Circuito, o maior gênio maléfico da Terra, e ele odiava crianças. Ele tinha uma máquina que fazia desaparecerem os doces. As crianças odiavam esse personagem. Depois fiz “Estado de Sítio”, de Albert Camus, e fazia o papel de um juiz..



No Palácio das Artes conheci o Luciano Luppi, o Ludovikus, a Meire Armendany, e também conheci a Rosanita (ex-esposa), a Bia Lucca, a Inês Peixoto e outros colegas. O Luciano Luppi, na época, fazia o espetáculo infantil “Quem Roubou o Branco do Mundo”, e a Bia Lucca trabalhava nele, e também conheci o Ênio Reis e o Tião. Ia sempre assistir a peça e depois a gente ia lanchar no “Rococó”

Um dia fui ver a peça mais uma e o Tião não apareceu: foi quando o Luciano me perguntou quantas vezes eu já havia assistido o espetáculo e me chamou para fazer o personagem Violeta.

Acabei continuando no espetáculo, e foi a partir daí

que eu, o Ênio, a Bia, a Anne e o Tião começamos a criar o espetáculo “Os Alegríssimos” e “Sem Nexo, Sem Plexo”.

Buluga – Como surgiu a proposta de “Os Alegríssimos”?

Evandro Antunes - Na TV Tupi já havia um programa de humor chamado “Alegríssimos”, e como eu gostava muito dos Trapalhões, fizemos esse grupo para animação de festas. Foi quando conheci a Nanci Alves, que trabalhava na TV Alterosa, quando eu ia lá para



Cena de “Sem Nexo Sem Plexo”



Os Alegríssimos



Cena de "Sem Nexo Sem Plexo"

fazer algumas participações no Programa do Dirceu Pereira e no Clubinho. Nessa época era eu, a Bia, a Rosanita, o Ênio, o Gustavo, a Jaqueline, a Néia e começamos a fazer o programa na TV Alterosa, e nessa época o Grupo Galpão também fazia o Clubinho. Em "Os Alegríssimos" tinha de tudo: curiosidades, esquetes, brincadeiras e fez muito sucesso na época.

Bulunga – Você trabalhou com alguma outra coisa além da arte?

Evandro Antunes - Durante um tempo trabalhei com prótese dentária. Fiquei cinco anos fazendo isso, até que fui demitido, mas odiava aquele trabalho. Um dia fui levar uma release de "Sem Nexo Sem Plexo" na TV Alterosa, quando uma menina me falou que estavam fazendo testes para o personagem Bozo, mas eu não sabia o que era. Assim, fui assistir e acabei fazendo a inscrição e me chamaram para uma entrevista. No dia do teste, todos os candidatos estavam fazendo malabarismos, cambalhotas, e como não sabia fazer nada daquilo, fiz como um apresentador normal, e o pessoal me chamou para trabalhar.

Com o Bozo havia um contrato de confidencialidade, e eu não podia falar que era eu, mas a minha mãe falava para todo mundo que eu era o Bozo e eu explicava para ela que havia um contrato de sigilo e ela falava: "foi você que assinou o contrato, não fui

eu". Mas um dia eu estava almoçando e ouvi uma gritaria lá fora: "Bozo", "Bozo", "Bozo", e quando eu apareci a criançada não entendeu nada. Falei para eles que o Bozo não estava em casa, que já tinha ido embora, e elas saíram chateadas.

Bulunga – E o "Minas Artes Gerais"?

Evandro Antunes - A ideia do "Minas Artes Gerais" era criar uma produtora, e não um grupo de teatro. Tínhamos a intenção de trabalhar com desfiles, espetáculos, bate-papo, nós já havíamos montado o "Blá Blá Cultural", mas o que prevaleceu foram a animação de festas com "Os Alegríssimos", e o "Sem Nexo Sem Plexo", que apresentamos durante 5 anos, e teve o 2 o 3, o 3 e ½ para não chegar ao 4, e o Capítulo Final – Ufa! Depois disso, fizemos um vídeo contando a história dos personagens, mas uma colega roubou a fita, e como não tínhamos cópia, perdemos tudo. Nossa última apresentação foi no Teatro do Minascentro, que fica em frente ao Mercado Central, em Belo Horizonte.



Os Alegríssimos

A peça falava de um grupo que fretava um Trem para chegar na Broadway, e assim fizemos toda a filmagem, que foi exibida em um telão, na frente do palco, e quando a gente surgia na Estação de Trem, entrávamos repentinamente em cena, como se estivéssemos chegando na estação, e foi muito bom. Já trabalhei em Oficinas de Teatro, em várias ONG's, como em Lagoa Santa, na Conviver, onde fizemos um programa "E Agora Guri?". Em Belo Horizonte administrei durante um tempo o Teatro do Clube dos Oficiais, e antes da Pandemia atuei em um Espaço Cultural em Nova Lima, mas que não foi adiante por causa da doença que atrapalhou tudo. Hoje trabalho em duas ONG's em Uberlândia, no Lagardo, onde fazemos o Sábado Luz, e na Casa Amor e hoje sou pastor de crianças na "Missão Vide", a convite do Pastor Alan, que é o que mais amo fazer. Sempre gostei de trabalhar com crianças, e já fazia isso desde pequeno.

Bulunga – Você pode falar alguma coisa a respeito da séria doença que teve?

Evandro Antunes - Em 2015 descobri um câncer, passando a mão na barriga e percebi um caroço. Fui ao médico e fiquei sabendo que era um linfoma, e assim comecei um tratamento que durou 3 anos. Tive que entrar na justiça para conseguir um remédio, chamado Mabitera, pois cada ampola custava 7 mil reais, mas fui me superando, Deus sempre cuidando de mim, as portas se abriam, o que é o mover da fé. A palavra de Deus nos diz que, se a nossa fé for do tamanho de um grão de mostarda, você consegue fazer com que uma árvore saia do lugar que está plantada e vá para o mar. É no sentido figurado, claro.

Bulunga – E teve mais problemas depois disso?

Evandro Antunes - Passei um perrengue em Nova Lima, onde tive problemas com o dono de um espaço cultural onde trabalhei, tive problemas de convivência com ele e passei por um deserto (risos), atravessei o Mar Vermelho e agora estou aqui. Deus é maravilhoso e não tem como dizer que ele não existe, porque as coisas aconteceram em minha vida de um modo que não consigo nem falar. Eu oro todo o dia e peço a Deus e ele tem me abençoado. É a fé que transforma, que move.

Bulunga – Você quer dizer que todos esses problemas acabaram por torná-lo mais forte?

Evandro Antunes - A fé tem que ser exercitada, não pode ser duvidada. A fé é você estar num lugar escuro e sair tateando. Não tem explicação. As coisas do mundo vão falando o contrário e você não pode dar ouvidos. Tem que tapar os ouvidos para as coisas do mundo, para as ideias derrotistas, e seguir em frente. Pedro, quando é chamado por Jesus, começa a andar sobre as águas, mas quando olha ao redor e percebe o vento, começa a afundar. Cada um tem sua experiência e a minha tem sido maravilhosa. Sempre fui um menino de fé, um rapaz de fé, um homem de fé, e os meus parentes até achavam que eu seria padre, pois gostava de rezar missa. Só saí da igreja (Católica) porque, quando era menino queria ler a Bi-



Evandro e seu neto Heitor



Cena de "Sem Nexo Sem Plexo"



blia e o Padre não deixava, pois dizia que eu era leigo e não ia entender, até que um dia ganhei uma Bíblia dos Gideões, que nem é completa, mas contém salmos, alguns evangelhos, e devorei aquilo.

Um dia fui convidado para ir na 8ª Igreja Presbiteriana, que ficava no bairro Nova Floresta, no tempo em que a gente ensaiava um espetáculo na casa do jornalista Fernando Rocha, que devia ter uns 16 anos na época. Ele me convidou para ir na casa dele ensaiar, depois me convidou para ir num coral na igreja, e gostei tanto que queria ficar ali, mas pensei que precisava ser convidado para ficar e acabei não permanecendo. Até que me casei, ganhei uma Bíblia e me mudei para Uberlândia. O Evandro Henrique (filho) nasceu em março e nós nos mudamos em agosto. Engraçado que Uberlândia foi a única cidade onde

não tivemos público. Fomos morar em uma pequena chácara e chegou uma família trazendo café, pão de queijo e outros lanches, se apresentaram e nos deram as boas vindas. Essa família era da Igreja Presbiteriana Central, e fizemos amizade. Logo na primeira visita à igreja me converti. Depois daquela experiência com o padre, que não me deixou ler a Bíblia, fui procurar Deus em várias religiões, no espiritismo, na Seicho No Ie, mas o encontrei mesmo foi na Bíblia.

Bulunga – Fale mais sobre esse trabalho com as crianças.



Evandro Antunes - Trabalhar com crianças é um presente de Deus na minha vida. Tive um programa de Rádio Universitária, em Uberlândia, “Os alegríssimos nas ondas do rádio”, de 1989 a 1994, aí voltei para Belo Horizonte em 2000, a convite do Pastor Ismar, para trabalhar com crianças no Ministério Infantil na Presbiteriana Central, mas dois anos depois ele foi embora e eu acabei saindo. Voltei para a Rádio e criei o programa “Ultrasuperhiper, Um Programa Prá Lá de Divertido”, com 3 horas de duração e que “bombava”. Era um programa de brincadeiras, de variedades, tinha participação ao vivo com as crianças, com bolo, doces, brincadeiras. Na época eu tinha um projeto de programa para a TV em Araguari, e o programa foi transferido para Uberlândia, por mais 3 anos. Em 2012 retornei a Belo Horizonte, fui dirigir programas, fazer cinema, teatro.



Cena de uma campanha publicitária



Bulunga – De tudo o que já fez na vida, o que mais gostou?

Evandro Antunes – Ser pai e avô. Depois disso, o que mais gostei foi fazer Os Alegríssimos na TV, mas também gostei de várias peças que fiz com Ronaldo Boschi, Helvécio Guimarães, e fiz várias peças infantis como Rapunzel, Mogli, Quem Roubou o Branco do Mundo, Ovo de Avião e muitas outras. Fiz também o projeto Formando Cultura com adaptações de livros para o teatro. Foram muitos trabalhos bacanas. O Bozo também foi muito bom, mas na época eu era muito tímido e poderia ter aproveitado melhor, ter feito de outra forma. Também fui modelo, desfilei, cantei, ganhei concursos de karaokê... mas o que mais estou gostando é esse trabalho atual, com crianças, pois tenho toda autonomia, as pessoas acreditam, respeitam e temos vários projetos para o ano que vem, apesar de não fazer planos para futuro, pois vou vivendo da maneira como Deus vai revelando o que quer para a gente.



Evandro e o filho Evandro Henrique

coluna do

ClodoKill

Fernandes

Tem coisas que somente os brasileiros fazem, dizem por aí. Existem hábitos (para alguns, manias) típicos e quase exclusivamente nossos, tupiniquins. Um deles, e talvez o mais difícil de se entender, é o de comer pizza com talheres. Normalmente, mundo afora, come-se essa iguaria com as próprias mãos, aos moldes alimentares dos nossos queridos "hermanos" silvícolas. Para os "gringos" é abominável degustar tão saboroso (e gorduroso) alimento sem apalpá-lo, afagá-lo e apertá-lo entre os dedos. Chega a ser um fetiche.

De nossa parte, esse negócio de comer pizza com as mãos deveria ser proibido e constar no código penal, com sentenças de 15 a 20 anos de prisão, sem direito a fiança e atenuação da pena. Deveria incluir trabalhos forçados; mas isso é sonhar demais, né?

Onde já se viu comer com as mãos? Ainda mais pizza? Já imaginou quantos micróbios e bactérias poderíamos ingerir? E, depois, são esses "selvagens" a obrigar-nos ao uso de máscaras. Gente sem noção...



Outro particular, é a existência de cesto de lixo nos banheiros. Lá fora, eles simplesmente jogam no vaso sanitário o papel higiênico junto com os seus dejetos. Parece lógico, já que conservar restos fecais em cestinhos não tem nada de civilizatório e higiênico. Seria o mesmo que manter o seu Título de Eleitor em um cofre forte enquanto espalha dinheiro e joias pelas mesas e cômodas da casa. Dizem que as eleições, mais do que um dever, é um direito. Ah, se fosse assim, veríamos filas semanas adentro, verdadeiros acampamentos, nos portões das seções eleitorais.

Mas essa atitude é típica dos fãs de estrelas do rock, dos consumidores loucos por promoções, ou dos psicóticos usuários de iPhone. Ninguém monta barraca, literalmente, traz travesseiro, cobertor, cadeira de praia, garrafa térmica e biscoito amanteigado para votar. Nada mais justo do que abolir os cestinhos dos banheiros, e qualquer esperança nos eleitores.



Brasileiro gosta de banho. Ao contrário de boa parte do mundo, é costume nacional lavar-se diariamente. Há aqueles que não se limitam a um, mas tomam dois ou três. E veem depois falar em ecologia.

Querem prender a senhorinha que esfrega o passeio uma vez por semana, e o moleque que lava o carro quinzenalmente. Mas aqueles intermináveis 40 minutos de ducha, três vezes por dia, não causam qualquer impacto na natureza. É o típico cara a tirar o cisco do olho alheio enquanto mantém a trave no seu.

Aqui as coisas são tão estranhas que se criou o termostato de chuveiro, para impedir o excesso de tempo entre um enxágue nos cabelos e outro nos pelos pubianos.



Essa mania se espalha a quase tudo, até mesmo nos altos escalões. Houve um tempo, não muito distante, onde se criou a "Operação Lava Jato", cujos efeitos foram tão rápidos e inócuos (graças a artifícios interpretativos de certa Corte) que todos os "sujões" estão a emporcalhar o país de novo.

Nem uma fonte de água sanitária, molhando-os ininterruptamente, daria cabo desta bodega. Ou seja, não adiantam banhos, pois jamais seremos devidamente "limpinhos".

Talvez, por sermos tão "sui generis", o mundo desconhece que "hablamos" português, e acreditam piamente que o Brasil é um país de língua espanhola. Não sei o que os lusitanos esperam e fariam, mas, se fosse eu, ficaria quietinho e deixaria toda a culpa para os hispanos.



Se você conhece outra mania, e quer "expô-la" publicamente, mande-nos o seu e-mail com a sugestão, e um PIX para conta do editor.

CHICO ANYSIO: UM AUTÊNTICO SHOW

Todo nós vamos morrer um dia, mas algumas pessoas poderiam viver mais, uns 120, 150 anos, pois fazem muita falta no mundo. Chico Anysio é um deles. Ele era um gênio do humor. Basta dizer isso para resumir a existência desse multitalentoso artista brasileiro, que nasceu em 12 de abril de 1931, em Maranguape, no Ceará, e faleceu em 23 de março de 2012, depois de alegrar a vida desse povo sofrido por muitas décadas. Humorista, ator, escritor, produtor, locutor, dublador, radialista, radioator, apresentador, cantor, compositor, pintor, criou e interpretou mais de 200 personagens cômicos em aproximadamente 63 anos de carreira, em programas de enorme sucesso como a “Escolinha do Professor Raymundo”, “Chico City”, “Chico Total”, “Chico Anysio Show”, entre vários outros, a maior parte deles na Rede Globo, a partir de 1968, até aproximadamente 2009, três anos antes de sua morte, mas também trabalhou nas TV's Excelsior, Tupi e Record.

O começo da carreira não foi fácil, pois ganhava todos os concursos de imitações que fazia, em programas de Rádio, o que não foi bom, pois todos os apresentadores começaram a vetar a sua participação, pois os competidores acabavam desistindo quando viam que era ele, e por causa disso, sem dinheiro, pensou em largar tudo para trabalhar com a advocacia, mas não concluiu o curso e acabou se tornando locutor da Rádio Guanabara, após fazer um concurso e ficar em segundo lugar, sendo que o primeiro foi ninguém menos que Silvio Santos.





Era pai dos atores Lug de Paula (o “Seu Boneco”, da Escolinha do Professor Raimundo), do ator, comediante e dublador Nizo Neto (Seu Ptolomeu, da Escolinha), do escritor e ator Bruno Mazzeo, além de irmão da atriz Lupe Gigliotti e do cineasta Zelito Viana, que é pai do ator Marcos Palmeira, além de ser tio-avô da atriz Maria Maya.

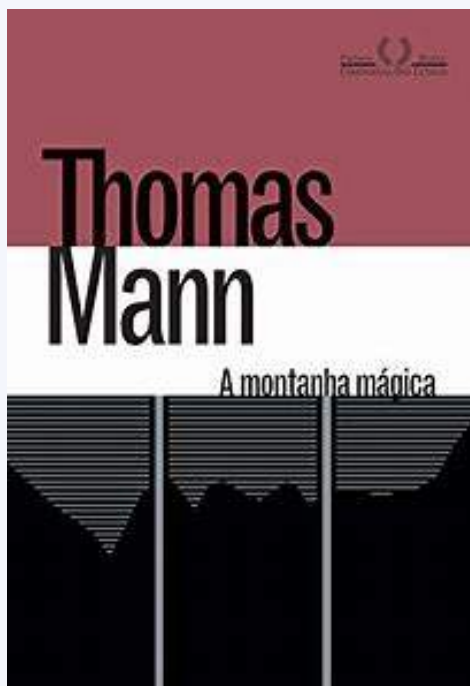
Chico fazia uma divertida crítica social, política e religiosa, com roteiros inteligentes e bem construídos, agradando a um público extremamente diversificado. Entre seus personagens mais famosos, além do Professor Raimundo, que foi um dos primeiros e o mais longo deles, estão Alberto Roberto, Roberval Taylor, Coalhada, Bozó, Seu Pantaleão, Nazareno, Jovem, Painho, Tim Tones, Bento Carneiro (o vampiro brasileiro), Azambuja, Justo Veríssimo, Haroldo e Salomé, cada qual com o seu bordão famoso, em quadros semanais com ações totalmente previsíveis, bem ao gosto do povo.

Também participou de várias novelas como Terra Nostra, Sinha Moça, Pé na Jaca e Feijão Maravilha.

Inacreditavelmente, sofria de depressão e era hipocondríaco, tendo convivido com a doença por mais de 24 anos.

Morreu em decorrência de problemas pulmonares relacionados ao excessivo uso do cigarro

A MONTANHA (iN)ACESSÍVEL



Demandou-me cerca de um ano a leitura do calhamaço de Thomas Mann, pois desde o início percebi não ser uma obra para se prescrutar rapidamente, dada a profundidade dos assuntos, personagens e conclusões levianas e precipitadas.

Nenhum leitor pode se aproximar de “A Montanha Mágica” se não estiver imbuído do espírito de tenaz analista e decodificador. Não é, portanto, um livro de passatempo (mesmo sendo), ou de amenidades (ainda que se encontre), ou de perífrases a suavizar a realidade (talvez, uma ou outra aqui e acolá). Mann conta histórias dentro da história, e até mesmo a História, íntima e intensamente detalhada, tal qual um observador dedicado, nada relapso ou leviano.

São muitos os exemplos, mas gostaria de deter-me nos diálogos espetaculares (ou debates) entre Naphta e Settembrini, um primor, em vários aspectos. Além da qualidade dos argumentos e dos temas, existe a cumplicidade entre ambos, a despeito da divergência de posições e defesas intransigentes. Mesmo sem o desejo de reconhecer a necessidade um do outro, cujos antagonismos parecem tornar ainda mais imprescindível a coexistência intelectual, não existe ódio ou desprezo, pelo contrário, parecem se alimentar mutuamente, o que não é mau, e pode, talvez, fazer um e outro adequarem os seus pensamentos ao escrutínio da verdade. Bem diferente dos tempos hodiernos, em que a maioria dos intelectuais prima pelo “orgulho” de ouvir a própria voz, quando muito dos seus pares, e afastam-se do espírito a permeiar a cultura por milénios: as ideias se façam audíveis, seja ela qual for, e as inconsistentes e amorfas sucumbam à própria incapacidade de respirar, e não por serem asfixiadas, com a finalidade de haver o monopólio de uma única ideia, seja ela filosófica ou não, ideológica ou não,

científica ou não. Em tempos de monomania intelectual e do politicamente correto, Mann sinaliza para o debate, a discussão, sem a necessidade de destruir ou silenciar o oponente, pois somente através dele e de seus argumentos pode-se crescer e aperfeiçoar a verdadeira, e tão pouco desejada, experiência humana de coexistir pacificamente, sem a obrigatoriedade de todos se tornarem unânimes neste ou naquele aspecto.

Por isso, faço questão de ressaltar não somente os diálogos/debates entre o padre comunista e o humanista italiano, mas também dos demais membros da confraria do “Sanatório”, em Davos, nos Alpes, onde se desenrola a narrativa. Perceber-se-á divagações e furos no pensamento de todos, mas assim não é o homem?... Contudo, pode-se ter uma aula, inclusive de convívio organizado (mesmo havendo algum grau de superioridade, presunção, de um em relação ao outro, quanto ao que pensam) com os longos debates entre eles, cujas testemunhas são sempre o Hans Castorp, e Joachim (primo de Hans), os jovens a testemunharem os embates dos velhos.

Este capítulo, em especial, é um exemplo do nível de escrita do autor, e se chama: “Da cidade de Deus e a redenção do mal”, inequívoca alusão a Santo Agostinho e o seu “A Cidade de Deus”. Ele aponta para a interessante afirmação de os movimentos revolucionários modernos, p. ex. a Revolução Francesa, Russa, etc., serem fomentados pelos escritos de Tomás de Aquino, e disseminados pelos tomistas, séculos depois. Algo realmente inusitado mesmo entre os clássicos; um nível de debate altíssimo e muito pouco visto ou lido.

No mínimo, uma experiência filosófico-teológica em estado puro.

Veja o que encontrei na boca do personagem Naphta, ao contestar o "humanismo" de Settembrini. De todos os capítulos, este foi um dos mais chamativos, por tratar de questões reais mas, também, indo além em termos metafísicos e subjetivos, sem deixar de adentrar no "mundo dos vivos".

Questões como liberdade, responsabilidade, revoluções, política, juventude, movimentos de massa, teologia e muita filosofia, estão presentes, ainda que alguns pontos sejam tocados superficialmente e de maneira incipiente, os diálogos são capazes de aguçar a mente do mais desinteressado leitor. O título do capítulo, já citado, é "A cidade de Deus e a redenção do mal", e constitui-se em algo primoroso, escrito por Mann, revelando o alto grau de conhecimento e informação (certamente, decorrente de anos e anos de estudos) para imprimir durante tantas páginas uma discussão incomum e detalhada, e, ao mesmo tempo, prender a atenção do leitor sem levá-lo ao tédio ou exaustão, mas chamando-o para o diálogo, e a tirar por si mesmo as necessárias conclusões.

Ele defende exatamente o mesmo que advogo: os escolásticos, e boa parte da igreja medieval, foram os reais fomentadores do comunismo e do movimento revolucionário posteriores.

Ao contrário do que alguns católicos "iluminados" afirmam, não foram os Reformadores, mas eles próprios a semente do marxismo, muitos séculos antes. Na verdade, trabalharam, e muito, por ele. E ainda trabalham, na companhia de evangélicos, em sua minoria, e também, e especialmente, de boa parte da mídia, celebridades, e intelectuais que desconhecem, por ignorância e preguiça em sua maioria, as verdadeiras raízes do que defendem.

A exposição é muito mais longa, e muito bem detalhada no referido capítulo. Deixo apenas a indicação, a quem se interessar, para ler a partir da página 543. Asseguro, vale cada palavra; e a igual meditação, sem se precipitar, lembre-se!

Falando um pouco do livro, no geral, ele não é para qualquer um. O autor parece não estar nem um pouco interessado em "agradar" o leitor comum, pois não temos reviravoltas, surpresas, mudanças repentinas de atitudes e ações abruptas (notadamente aquelas colocadas para assustar ou impactar). O livro está em um desenvolvimento lento, progressivo, e, ao nos depararmos com um movimento menos convencional, não somos pegos desprevenidos, pois ele fora insinuado e se desenvolveu páginas antes (no geral, muitas).

Por outro lado, há um circunlóquio necessário (insinuei, no 1º parágrafo), diria imprescindível, faz o leitor se apaixonar, pouco a pouco, e cada vez mais, com a narrativa. E crie intimidade, empatia com os personagens, tão díspares, e ao mesmo tempo tão comuns, como qualquer um de nós, a compartilharem suas angústias, medos, alegrias, esperanças, trivial e complexa humanidade. O ponto

central da obra, e me arriscarei a ser confundido entre a ousadia e petulância, refere-se à morte, mais detidamente a descoberta da morte e todas as suas consequências para o bem e o mal... Após algumas dezenas de páginas, não há volta: está-se fígado até o final.

Também é necessário paciência; não é um livro para apressados. Como em uma lauda refeição, se comer a entrada rápida e vorazmente, não haverá espaço para degustar o prato principal, quiçá a sobremesa.

Mas, certamente, o leitor será contemplado e recompensado com uma lauta, deliciosa e inesquecível refeição, para a maioria dos apreciadores. Entretanto, sempre haverá aqueles com indigestão. Para esses, não haverá antiácido a aliviar-lhes a aguda perturbação.

Avaliação: (*****)

Livro: A Montanha Mágica

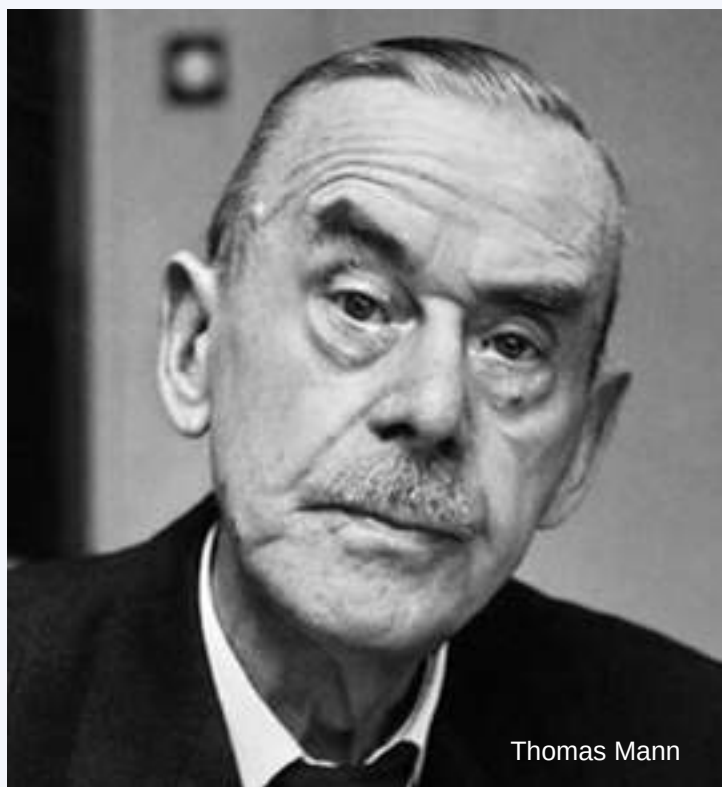
Autor: Thomas Mann

Páginas: 865

Editora: Cia das Letras

Sinopse: "Neste clássico da literatura alemã, Mann renova a tradição do Bildungsroman - o romance de formação - a partir da trajetória do jovem engenheiro Hans Castorp. Durante uma inesperada estadia em um sanatório para tuberculosos, Hans relaciona-se com uma miríade de personagens enfermos que encarnam os conflitos espirituais e ideológicos que antecedem a Primeira Guerra Mundial. Um dos grandes testamentos literários do século xx e uma das obras inesgotáveis da ficção ocidental."

por Jorge F. Isah



Thomas Mann

CADERNO MUSICAL

Atendendo a pedidos, a Revista Bulunga irá decifrar, com os comentários de um especialista em linguagem cantada, o conteúdo de diversas músicas de sucesso no Brasil, originais ou versões,, que geralmente ocultam, por cifras, as verdadeiras intenções de seu(s) autor(es).

Vamos analisar, neste número, o conteúdo da música "Negue", cantada por Nelson Gonçalves em 1900 e lá vai pedrada, e regravada, anos depois, por Maria Bethânia e por Ney Matogrosso, entre outros.

A letra fala de uma mulher (ou de um homem) na cola de seu(sua) parceiro(a), o que nos faz acreditar que tenha sido a inspiração para todas as sofrências cantadas por artistas Goianos.

De autoria de Adelino Moreira e Enzo de Almeida Passos, fez um enorme sucesso durante décadas, e pelo que se percebe, o cara (ou a mina) não queria nada com o(a) parceiro(a), mas ainda insistia para que ele(a) falasse, na tora, que não estava mais querendo, como veremos a seguir:

NEGUE

(Adelino Moreira e Enzo de Almeida Passos)

*"Negue seu amor, o seu carinho
Diga que você já me esqueceu (...)"*

A princípio, percebemos que a vítima (a pessoa que foi acuada) não queria confusão e saiu de fininho, mas o(a) grude foi atrás, exigindo explicações e criando uma situação constrangedora.

*"(...) Pise machucando com jeitinho
Esse coração que ainda é seu (...)"*

Percebe-se, neste ponto, uma nítida tendência masoquista do(a) letrista, quando fala para o(a) outro(a) pisar em seu peito (e não no coração, literalmente), num declarado ato de submissão doentia.

*"(...) Diga que meu pranto é covardia
Mas não esqueça
Que você foi meu um dia (...)"*

Tudo bem, o(a) rejeitado(a) está chorando sem parar, mas ela há de entender que acabou e que o(a) outro(a) não quer mais. Aconselha-se algumas sessões de psicoterapia acompanhadas de calmantes.

*"(...) Diga que já não me quer
Negue que me pertenceu (...)"*

Talvez o(a) outro(a) tenha saído sem se despedir, não atendeu os telefonemas, o WhatsApp (que na época nem existia), as cartas, mas o certo é que, após um ano ausente, o(a) paspalho(a) precisa entender que a relação acabou definitivamente.

*"(...) Que eu mostro a boca molhada
Ainda marcada pelo beijo seu(...)"*

Neste ponto podemos entender que o(a) personagem padecia de um sério problema de salivação, e talvez tenha sido um dos motivos do abandono, pois a vítima não aguentava mais ficar com a camisa babada.

Daí em diante, a letra se repete e fica só nisso. Incrível é pensar em quantas pessoas sentadas na mesa de bar choraram e dançaram nos cabarés com acompanhantes de aluguel, embaladas por essa música, que fala de um amor não correspondido. Percebe-se, com esse sucesso, que as pessoas geralmente não estão em busca de sentimentos saudáveis, mas de sofrimento, pois amores correspondidos tendem a ser sem graça, sem drama, sem conflitos. Imaginem uma letra do tipo "eu te amo, você me ama, somos felizes o tempo todo e a vida é linda": isso geraria ódio, inveja, ou talvez tédio. As pessoas se deliciam com o drama, com a dor, com lágrimas rastejantes. Isso é o que dá ibope. É o que faz cantores sertanejos como Chitãozinho e Chororó, Leonardo, Zezé di Camargo e Luciano, entre outros, enriqueçam.



LIBERTE SEU TALENTO
no Núcleo de Estudos Teatrais

Inscrições pelo WhatsApp (31)98025.1010,
pelo telefone (31)3222.1010, no site "www.teatrodonet.com.br",
ou diretamente na Secretaria da escola, na Rua Timbiras, 1605-
Belo Horizonte - MG

O TEBUNAL

um conto de Michel Salomão

Epaminondas foi servidor do Tribunal de Justiça durante 50 anos, e começou datilografando as audiências dos Tribunais de Júri, em sua máquina Olivetti manual, mas depois que vieram as máquinas elétricas e, mais tarde, os computadores, como não se adaptou, foi colocado em funções burocráticas de menor importância, mas ele se sentia um privilegiado transitando entre as autoridades, e mesmo depois que se aposentou, contra a própria vontade, considerando que, na época, o servidor recebia a “expulsória” aos 70 anos, mas depois passou para 75, choramingava porque poderia ter ficado pelo menos mais 5 anos, como alguns outros servidores que se esquecem de ter uma vida autônoma.

Ele adorava aquele cerimonial, as formalidades próprias do mundo jurídico, a representação teatral dos Júris, gostava de apostar em quem era o culpado e quem era o inocente, e sempre acertava, pois tornou-se um profundo conhecedor da natureza humana.

Nos seus últimos anos de vida, sentado no bar da esquina de sua casa, a partir das 9 da manhã, sempre suspirava: “Ah, o Tebunal... Ah, o Tebunal”... Falava “Tebunal” porque aparentemente lhe faltavam alguns dentes da frente, pois se recusava a usar próteses que, segundo ele, davam ao usuário uma aparência de cavalo. Mas, mesmo antes, aos vinte e poucos anos, já falava dessa maneira, da mesma forma como dizia “adevogado”, para imitar os magistrados mais antigos a quem admirava, e dessa forma tornou-se velho precocemente.

Não se casou, não teve filhos e comenta-se que preservou a virgindade até a aposentadoria, quando, finalmente procurou espontaneamente a Casa da Rosalva, um lupanar famoso que ficava no bairro Santa Tereza, e que recebia as mais importantes autoridades e celebridades da capital, lugar onde uma cerveja custava o preço de um rim, mas os frequentadores pagavam satisfeitos, pois ali encontravam as mais belas jovens da cidade, sendo que algumas um dia também se tornariam autoridades, sob a influência de seus importantes clientes.



Depois disso, passou a frequentar o estabelecimento todas as noites, e se arrumava com um terno impecável e uma gravata de seda, sempre combinando com o lenço, e se perfumava com imparcimônia, levando flores para Maria Lúcia, a garota tímida de família tradicional, que estava ali só para conseguir pagar os seus estudos.

Epaminondas morreu em uma monótona tarde de segunda-feira. Havia arrumado o seu terno sobre a cama, escolhido a gravata combinando com o lenço que deixava transparecer a ponta no bolso de cima do paletó, as meias brancas (ele se recusava usar outra cor) e o sapato marrom meticulosamente engraxado, mas não conseguiu chegar até a porta do banheiro, pois sentiu uma estocada fatal no peito, que lhe ceifou a vida aos 79 anos, não deixando herdeiros ou amigos. Os poucos colegas do seu tempo que ainda estavam vivos compareceram ao enterro, e até ganhou uma coroa de flores encomendada pelo sindicato. Na faixa, em sua homenagem, escreveram: “Ah, o Tebunal”...

A MULHER DO



Jorge F. Isah

Naquela manhã cinzenta, prenúncio de uma onda de frio, J.B. acordou sonado, quase não pregando os olhos à noite, em cochilos intermitentes, pesadelos, lembranças e desassossego quanto aos últimos acontecimentos. Não era possível, na verdade inimaginável, o episódio com a Mulher do 171, e o desenrolar tornava-se ainda mais absurdo e insano. Ele pensou, como várias vezes antes, ela não ser uma pessoa de fácil trato, pelo contrário, era preciso andar em ovos para não enervá-la e provocar o bicho intratável a sair do seu esconderijo. Isso todos sabiam, vizinhos, entregadores, carteiros, comerciantes, e se não soubesse, bastaria um deslize para descobrir quem realmente era. Entretanto, no fundo, não passava de uma solitária, arredia a emocionalismos, desacostumada aos traquejos sociais; não era de fofocas ou conversinhas inúteis, não era de rodeios, sua franqueza contrastava com o espírito adocicado de simpáticos e delicados, não era acanhada e dada a eufemismos, levando, muitas vezes, o interlocutor ao espanto e perturbação. Falava diretamente, sem despestes ou arrevesamentos, simplificando ao invés de complicar.

- Convenhamos, essas atitudes não são bem interpretadas em um ambiente onde as pessoas, via de regra, são dissimuladas e não gostam de ouvir a verdade, preferindo a bajulação e serem enganadas. Mas daí a considerá-la criminoso, seja por qual motivo for, é simplesmente absurdo, inaceitável! – Sentenciou o amigo.

A prova estava na visita empreendida no dia anterior à delegacia onde ela permanecia detida. Ao chegar na recepção, uma policial, com cara de poucos amigos, não deu mostras de interesse por J.B., imediatamente.

- Bom dia! – Ele sorriu levemente para demonstrar o quão amistosa seria a visita. Mas diante do silêncio, repetiu:

- Bom dia!

A mulher fingiu remexer alguns papeis, depois moveu bruscamente o monitor do computador, digitou algo e, somente então, após dois ou três minutos, dirigiu-se a ele.

- O que quer?

- Fazer uma visita a...

Foi interrompido.

- Visita?! Tem certeza?!... Por acaso acha que isso aqui é museu, galeria ou asilo?

- Não, claro que não... Apenas queria ver uma amiga que está...

- Que amiga?! – O tom era cada vez mais intimidador e hostil.

- A Mulher do 171... – Respondeu meio lânguido, meio encabulado, quase constrangido.

- Quem?!

- A Mulher do...

- Já ouvi, já ouvi! Não sou surda!... Tem certeza de que é ela mesma?

- Sim. Tenho.

- Não será possível.

- Por quê?

- Porque não, ora! Ela está proibida de receber visitas.

- Proibida?... mas...

- Garoto, não tem mas nem mais! Está proibida e pronto!

Tentou argumentar e buscar explicações, mas ouviu apenas “nãos” à revelia, até que foi convidado a retirar-se, sob pena de prisão por desacato a oficial no estrito cumprimento do dever. Achou por bem sair, e conversar com os pais.

Em casa, explicou o ocorrido, e eles ficaram pasmos. Qual o crime daquela mulher? A mídia virava e revirava a sua vida de ponta cabeça, e a única coisa a acusá-la, ao menos no início, foi de ser antipática e malcriada; mas isso a maioria das celebridades, políticos e engajados em causas sociais são, e se não estão na cadeia, por que ela deveria estar?

Insistentemente procuraram vizinhos e forçavam-nos a dizer o que não queriam mas diziam, e, então, ace-

tavam a culpabilidade da Mulher do 171 com deduções sobre delitos praticados no passado, identidades falsas e ligações com o crime organizado. Não raro, se aventava o fato dela participar de grupos terroristas, neonazistas e cartéis colombianos. A maior rede de Tv do país enviou um repórter a Medellín para rastrear eventuais ligações com o narcotráfico; e além de transeuntes, porteiros, mendigos e garçons afirmarem terem-na visto recentemente na cidade, nenhuma prova foi encontrada. Ao final, o repórter garantia à sua audiência de que ela, indubitavelmente, não seria apanhada em registros de voos, estadias e gastos com cartão de crédito, pois sempre usava uma identidade falsa.

Nos últimos 15 anos, J.B. não viu a Mulher do 171 afastar-se de casa um dia sequer, pois odiava viagens, adorava a rotina, achava um desperdício de tempo e dinheiro conhecer outros lugares, além de não ter ninguém a quem visitar. Foi o que disse à mesma repórter que o entrevistou a primeira vez:

- Essa história de viagem à Colômbia não passa de embuste! Quem a conhece sabe que odeia viajar, e nunca saiu daqui...

- Como tem certeza?

- Eu a conheço muito bem, desde quando tinha quatro ou cinco anos.

- E durante esse tempo você viajou, se afastou por longo período?

- Sim, nas férias de fim de ano...

- Ah, aí está, garoto! Você se ausentou de casa... E quem garante que ela não aproveitou para fazer as tais viagens e se reunir com os seus comparsas?

- Isso é absurdo! Não tem cabimento!

- Você é muito jovem, muito ingênuo, e deve acreditar em Jesus Cristo e na Bíblia...

- Sim, acredito!

- Eu não disse! – Soltou um risinho irritado e malévolo, esgançado e artificial, enquanto se dirigia à câmera e acrescentava outras barbaridades ao caráter da Mulher do 171, como o de fazer lavagem cerebral em jovens e doutriná-los por meio de táticas fascistas e preconceituosas, como negar o aquecimento global, a ideologia de gêneros, o amor incondicional e sexo grupal, a liberação das drogas e o aborto, tornando-a em ameaça à paz, à evolução, e ao bem-estar comum, ao equilíbrio das forças cósmicas e energias magnéticas e espirituais.

Nisto, uma revoada de pombos saiu do telhado, e alguns deles, ao ver da repórter, treinados habilmente pela mente doentia da Mulher do 171, a usurpadora da dignidade e compostura alheias, lançou titicas ao ar, pousadas espalhafatosamente sobre a roupa e os cabelos revoltos da jornalista. Em meio aos xingos, pragas e acusações infundadas, seus paroxismos a levaram a proferir uma última sentença:

- Ah, ela me paga!... Não perde por esperar!

**DIVULGUE AQUI O SEU
NEGÓCIO**

SPOILERS

Estou Pensando em Acabar com Tudo

Para início de conversa, o filme é ruim. Não existe esse negócio de ter que estudar um filme para tentar entender a genialidade do roteirista ou do diretor: são eles que precisam se esforçar para tentarem transmitir suas ideias ao público. E se não conseguiram é porque faltou competência.

Tudo gira em torno de uma garota meio sem graça que está pensando em terminar o namoro com um cara feio e gordinho, e esse gordinho feio a leva para conhecer os pais, que moram em uma fazenda.

A direção é de Charlie Kaufman, já conhecido como roteirista dos filmes “Quero Ser John Malkovich” (2000) e “Brilho Eterno de uma Mente sem Lembranças” (2005), ambos agraciados com o prêmio Bafta de melhor roteiro original. Mas dessa vez ele pisou na bola.



No elenco, Jessie Buckley (Lucy) e Jesse Plemons (Jake), além dos veteranos Toni Collette (mãe), David Thewlis (pai) e Guy Boyd (zelador).

O filme começa com um longo diálogo dos dois personagens principais dentro do carro, em direção à tal fazenda, e até chegamos a pensar que vai acontecer alguma coisa diferente, pois estava nevando muito lá fora, um acidente, um monstro marinho que sai do meio da floresta, um fantasma, um alienígena que desce de uma nave espacial ou coisa parecida, mas nada acontece, e a coisa foi se estendendo por intermináveis minutos, chegando a dar ânsia de vômito.



Na chegada à fazenda, a coisa fica embaçada: os pais são muito estranhos, caricatos, e ora aparecem velhos, muito velhos, depois ficam jovens, voltam a ficar velhos, e vira uma confusão danada, com interpretações extremamente questionáveis dos dois artistas veteranos (e talentosos) que interpretam os pais do gordinho feio.

Esqueci de dizer que vez ou outra aparece a cena de um zelador limpando o chão de um grande colégio, e no final ele fica pelado e vai andando pelos corredores com aquela sua bunda murcha e branca, até que surge a animação de um porco que conversa com ele.



Para piorar, os personagens Lucy e Jake se transformam em dois bailarinos e dançam pelos corredores do colégio, ao som de uma bela música clássica, numa cena que poderia ser magistral, mas deslocada como foi, ficou patética.

No final você é levado a entender que Lucy, o namorado Jake e o zelador são a mesma pessoa. Depois de meia hora assistindo, comecei a refletir: estou pensando em parar de ver essa porcaria. Mas fui até o final.

Belzonte

Belo Horizonte (ou Belzonte, para os belorizontinos, que, como todos os mineiros, tem preguiça de falar a frase completa e saem emendando uma na outra, além de colocarem diminutivo em tudo) foi feita para ser um “curralzinho”, um “cercadinho” delimitado pela Avenida do Contorno, mas acabou crescendo demais e virou essa bagunça com a qual somos obrigados a conviver nos dias de hoje.

Congestionamento de veículos é todo dia, toda hora, todo minuto. Não existe metrô para desafogar o trânsito, ou melhor, até existe, mas é um “trenzinho” qualquer, que não consegue dar conta do caótico volume de veículos.

Mas Belo Horizonte tem muitos bares, para tentar compensar essa chateação, é o que dizem. Muitos bares. Muitos mesmo. Fica fácil para o belorizontino desafogar o seu stress (com os congestionamentos do trânsito) e afogar as suas mágoas com cerveja e cachaça. Basta escolher, pois tem bares de todos os tipos, cores e tamanhos. O belorizontino, inclusive, pode sentar em um bar e ficar esperando o congestionamento passar.

Para quem quer um lazer gratuito, durante o dia, tem a Praça do Papa, que é um sanitário ao ar livre, onde o cheiro de fezes e urina, em determinados dias, chega a ser insuportável. Tem o Parque Municipal, onde você pode ser assaltado com facilidade. Tem o Parque dos Mangabeiras, onde você pode se aliviar (como na Praça do Papa) e ser assaltado (como no Parque Municipal) ao mesmo tempo. E tem a Pampulha, onde você pode ser picado por um carrapato-estrela, que parasita as enormes e desajeitadas antas que ficam por lá, e pegar uma febre maculosa, para depois ser atropelado por uma bicicleta, andando pela pista de ciclismo, porque a outra, das caminhadas, fica muito cheia. E também pode ser assaltado.



Correr de ladrão a céu aberto há de ser o melhor esporte a ser praticado na cidade. Pode ser pela manhã, à tarde ou à noite, mas não é você quem escolhe, e ainda há a possibilidade de ser assaltado mais de uma vez, em um mesmo dia, dentro ou fora de sua casa.

Se você é chegado em fortes emoções, não perca uma partida de damas na Praça Sete. Mas fique de olho na sua carteira, coloque sempre no bolso da frente, ou sairá sem ela. Essa é a parte da emoção que falei.

Para quem gosta de vida noturna, é uma beleza: como dissemos, bar é o que não falta nesta cidade. Acredito que seja o lugar onde mais existem bares por metro quadrado no mundo. E salões de beleza. São milhares, porque as mulheres precisam se preparar para irem aos bares.

Temos o Brilhante, na Rua Guaicurus, que é o local de trabalho das mães da maioria dos políticos mineiros (não todos), que adoram ficar confabulando e fazendo suas inconfidências pela região.

Ah, esqueci de dizer: tem o Café Palhares, uma das maiores atrações da cidade, onde cabem aproximadamente umas 20 pessoas quase em pé, para comerem um PF caprichado.

Antes que políticos ou autoridades aleatórias fiquem furiosos comigo, por ter falado essas verdades sobre a cidade, aconselho a trabalharem arduamente para reverterem essa imagem, que é a mais fidedigna possível, e assim investirem na manutenção de partes e praças, além de criar outras atrações para a população e também para os turistas.

Mas ainda não falamos do povo de Belo Horizonte. O belorizontino é o mais caloroso, receptivo, simpático e alegre do Brasil. É também onde existem as mulheres mais bonitas e os homens mais feios e barrigudos. Mas esse povo não merece a cidade que tem. Se fosse possível, poderíamos transferir toda a população de Belo Horizonte para Curitiba, a cidade mais organizada do país. Mas não tem jeito, bem sabemos. E assim, vamos ficando por aqui mesmo. Uai.

DESMISTIFICANDO OS DITADOS POPULARES

"Há males que vêm para o bem" – conte isso para o morto.

"Cão que ladra não morde" – experimente levar a mão na boca de um cachorro que está latindo ferozmente para você e veja o que acontece.

"De médico e louco, todo mundo tem um pouco" – contanto que esse médico não seja o Abdelmassis.

"Quem com ferro fere, com ferro será ferido" – não necessariamente: o outro pode usar um bastão de beisebol

"A corda sempre arrebenta do lado mais fraco" – numa disputa de cabo de guerra, o mais fraco será arrastado pelo mais forte e a corda não irá arrebentar.

"Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura" – mas fique tranquilo: demora muito para que isso aconteça.

"Amigos, amigos, negócios à parte" – a não ser que você esteja envolvido na venda desse amigo.

"Cada macaco no seu galho" – existe a possibilidade de dois ou mais macacos ocuparem o mesmo galho sem que necessariamente o galho se quebre.

"Deus ajuda a quem cedo madruga" – isso só não vale para o ladrão, que normalmente não acorda cedo, em razão de suas horas extras noturnas.

"De grão em grão, a galinha enche o papo" – não se aplica ao caso de galinhas que tem "papo furado".

"Devagar se vai longe" – mas, certamente, chegará em último lugar.

"Diga com quem andas que lhe direi quem és" – ainda não fui apresentado para ele.

"Esmola demais até santo desconfia" – uma esmola de R\$10,00 pode ser considerada muito para quem dá, mas pouco para quem recebe.

"Filho de peixe, peixinho é" – experiências genéticas tem alterado essa assertiva e já temos casos de coelhos gerados em carpas.

"Mais vale um pássaro na mão do que dois voando" – esse ditado não se aplica no caso do pardal.

"A pressa é a inimiga da perfeição" – nem sempre: uma ejaculada precoce pode fazer filho bonito.

"Não deixe para amanhã aquilo que você pode fazer hoje" – depende: se você for fazer alguma besteira, é melhor não fazer hoje. Nem amanhã.

"Não ponha a carroça na frente dos bois" – a não ser que a carroça seja motorizada e tenha tração nas quatro rodas, e assim os bois irão se divertir.

"Nem tudo que reluz é ouro" – também pode ser diamante.

"Onde há fumaça, há fogo" – cigarros eletrônicos produzem fumaça sem que queimem.

"Para bom entendedor, meia palavra basta" – impossível! Se eu falar "to" ou "co" ou "ma", isso pode significar milhares de coisas, sendo impossível que alguém entenda.

"Quem não é visto, não é lembrado" – o problema é se quem viu tiver Alzheimer.

"Quem não tem cão caça com gato" – se for para cassar ratos, os gatos serão mais eficientes.

"Roupa suja se lava em casa" – nem sempre: numa lavanderia self-service também pode se lavar.

"Saco vazio não para em pé" – se for um saco de cimento que molhou e foi deixado para secar, pode parar em pé, sim.

"Um dia é da caça, outro, do caçador" – nunca vi um alce armado com um rifle, com o objetivo de revidar o ataque.

Tem gente que não gosta de igrejas e prefere o consolo dos bares e cabarés. Tenho um amigo que diz que o melhor lugar do mundo é a casa da luz vermelha, pois ali ele se diverte de verdade. Talvez ele não saiba o quanto aquelas “mulheres de vida fácil” precisam se drogar para aguentar essa atividade imunda em troca de dinheiro não menos sujo, que muitas são ameaçadas pelos seus rufiões e que algumas se matam após algum tempo na “profissão”. Possivelmente, ele nem se incomoda com isso, pois é do tipo que adora comer camarão, que joga a cabeça fora e não se importa se o bicho não retribui com um “te amo”. Mas também não se dá conta de que poderá acabar sendo corroído pela solidão, juntamente com sua conta bancária. Nos bares a coisa não é diferente: homens e mulheres abandonados, copos que não se esvaziam, ao som de Reginaldo Rossi ou de alguma dupla goiana.

Não há dúvida que, em alguns casos, a vida em família pode não ser das melhores, principalmente quando o assunto é herança, mas não precisamos chegar ao ponto do que fez a Suzanne Von Richthoffen. Ainda assim, com todos os problemas previsíveis, viver em família há de ter menor dose de artificialismo do que a vida noturna eternizada pela canção “boate azul”.

Diante de problemas que levam as pessoas a optarem pela fuga para esses lugares inapropriados, tenho aconselhado a procurarem uma igreja. Mas como escolher a melhor igreja? Tem gente que gosta de templos silenciosos, onde possam se concentrar, meditar, enquanto outros só ficam felizes ouvindo muito barulho, como se estivessem num autêntico show de rock, com gente pulando e rolando no chão, incorporando e expulsando os mais variados demônios. Não podemos saber precisamente o que Deus acha disso, mas apenas supor que não deve se agradar.

É evidente que nas igrejas também existem os mais variados problemas, entre eles a fofoca, a inveja, a competitividade negativa, porque estamos tratando de relacionamentos humanos, mas devemos nos lembrar que igreja não é sinônimo de edificação, de imóvel, mas de reunião de pessoas escolhidas por Deus.

Inclusive, sobre este tema, existe um grande debate acerca dessa opção: Deus escolhe as pessoas ou as pessoas escolhem Deus? No eu entendimento, Deus coloca situações para que as pessoas percebam que está agindo e essas podem aceitar ou não. Mas tem gente que foge de Deus, com medo da suas provações, temendo que com elas aconteça o mesmo que aconteceu com os apóstolos.

As igrejas podem servir como um apoio à família, e até mesmo funcionar como uma nova família. Afinal, o sentimento fraterno é o mais honorável que se pode ter, e é por isso que os membros de igrejas normalmente se tratam como “irmãos”.

Alguém pode viver sem Deus? Até pode, mas viverá apenas esta curta vida, e não alcançará a eternidade. O problema é que ninguém voltou para falar como seria essa vida eterna, se ficaremos pairando sobre as nuvens, todos com roupas brancas e esvoaçantes,



O SANGUE NAS MÃOS DA TMI E TL, OU OS TRAIDORES QUE NÃO SE ARREPENDEM



Jorge F. Isah

A teologia da libertação e da missão integral (com minúsculas, mesmo) insistem em dizer o indizível: Jesus Cristo era socialista (usam o termo como um suavizador do comunismo, para não escandalizar os incautos¹), mas, o primeiro exemplo de comunista nos evangelhos é o de Judas Iscariotes² que, alegando uma coisa, dizendo sê-la boa e necessária genericamente (cuidar dos pobres e suas necessidades), tinha em mente outra coisa, o benefício próprio e exclusivo (enriquecimento ilícito e criminoso ao apropriar-se do que não lhe pertencia, mas sistematicamente furtar a fim de satisfazer os seus desejos e pecados); além do próprio Cristo afirmar que sempre haveria pobres. Se o próprio Senhor disse isso, por que os homens insistem em criar um "paraíso" na terra ou se fazerem de "salvadores da pátria", em busca de uma "justiça" a torná-los mais e sempre injustos? Não apenas potencialmente injustos, mas realmente injustos? Com isso não estou propondo qualquer tipo de cinismo, do não dever da igreja em minimizar e atenuar os efeitos injustos da realidade, e efetivamente cuidar os pobres, órfãos, viúvas e qualquer outro a carecer de abrigo, alimento, saúde ou coisas essenciais para a vida. Na verdade, pouco ou nada os proponentes da TMI e TL fazem em favor dos pobres e miseráveis, do ponto de vista cristão, utilizando-os como instrumento e meio de propa-

ganda ideológica e/ou partidária em seus discursos diabolicamente elaborados para enganar e distrair a atenção do real intento e objetivo dos seus "movimentos" (são as plataformas, os palanques nos quais subirão e lá não querem descer). Como sempre, são lobos vestidos de ovelhas, com suas estratégias a engabelar, onde a piedade é apenas o mote para satisfazer o espírito revolucionário e manter corações e almas aprisionados a um delírio salvífico, fictício e traiçoeiro; onde o verdadeiro Messias é substituído por falsos salvadores, sem graça, paz, amor e misericórdia. São os tais que dizem: "paz, paz", quando desejam a guerra (Jr 8:11). Senão, vejamos o texto bíblico:

"Então Maria, tomando um arrátel de unguento de nardo puro, de muito preço, ungiu os pés de Jesus, e enxugou-lhe os pés com os seus cabelos; e encheu-se a casa do cheiro do unguento. Então, um dos seus discípulos, Judas Iscariotes, filho de Simão, o que havia de traí-lo, disse: Por que não se vendeu este unguento por trezentos dinheiros e não se deu aos pobres?

Ora, ele disse isto, não pelo cuidado que tivesse dos pobres, mas porque era ladrão e tinha a bolsa, e tirava o que ali se lançava. Disse, pois, Jesus: Deixai-a; para o dia da minha sepultura guardou isto; Porque os pobres sempre os tendes convosco, mas a mim nem sempre me tendes." (João 12:3-8)

O texto é claro, mais límpido do que água, e não pode haver dúvidas quanto a sua intenção: Cristo deve ser glorificado acima de qualquer coisa, qualquer esquema, qualquer situação, qualquer pensamento ou desejo, acima de tudo e todos, e não ser um mero expediente para proselitismo filosófico, ideológico, sociológico ou qualquer outra coisa que, antes de exaltá-lo, o barateia³. A simples menção de Cristo ser socialista ou capitalista ou anarquista ou outra coisa do tipo é abominável e diabólica; à tentativa de se conformar a ideia de um "deus" criado ideologicamente, como resultado de corações impenitentes e enganosos, por homens revestidos de uma pretensa piedade e zelo social, e nada mais fazem, com suas vidas, a negar o seu discurso "amoroso" e "fraternal", numa nítida atitude de imoralidade³³, de péssima teologia e ainda pior "benevolência", quando misturam a justiça bíblica, espontânea e verdadeira, à "justiça" estatal, artificial e dissimulada. O papel da igreja jamais pode ser substituído pelo de governos, ong's, fundações ou organismos alheios ao evangelho; por isso, tentam forjar "outro evangelho" a fim de abarcar, de legitimar, ideologias e políticas nitidamente anticristãs.

Onde existem palavras doces e acolhedoras, esconde-se o ódio, a ira e aversão a tudo o que se chama Deus, desprezam a mensagem redentora, acolhedora e santificadora do evangelho de Jesus Cristo, para transformá-la em um joguinho nojento e perverso de interesses pessoais, exibicionismo e autodistinção; é a vida dando lugar à morte.

Como Paulo disse:

"Traidores, obstinados, orgulhosos, mais amigos dos deleites do que amigos de Deus, tendo aparência de piedade, mas negando a eficácia dela. Destes afaste-te... Que aprendem sempre, e nunca podem chegar ao conhecimento da verdade. (2Tm 3.5, 7).

São pecadores, covardes, cúmplices do sofrimento e morte de milhões de irmãos; e considerá-los como parte da igreja, se sujeitando à sua lábia, dissimulação e desfaçatez (vá lá, pode ser apenas ignorância, mas ela não absolve ninguém da culpa, não é!), faz de qualquer um pior do que eles; e torna-os em inimigos declarados de Deus, ao desprezarem o corpo de Cristo, sua igreja, perseguida e afligida pela sanha doentia de satanás e seus asseclas, sejam anjos caídos ou homens depravados.

É de estarrecer o quão longe pode chegar uma mente dominada pelas forças e poderes deste mundo, a ponto da defesa intransigente e desfaçada de títeres, algozes e lacaios do diabo, muitos arrazoados, letrados e autointitulados "mestres", em flagrante irracionalidade e contradição, ao "abandonarem" o sofrimento, perseguição e morte de irmãos sem emitir um único pronunciamento ou denúncia, antes ignorando-os por completo, a bajular líderes integralmente adversários e inimigos de

Cristo. Quando digo "adversários e inimigos" não me refiro a não cristãos pura e simplesmente, os não identificados com a nossa fé, e não estão a se importar com qualquer religião, preferindo agir em favor do bem comum e geral. Não é deles, mas daqueles a se colocarem frontalmente em hostilidade e o desejo de suprimir Cristo, a igreja e a fé, dizendo-se servos e irmãos. Como o apóstolo exortou: "não amemos de palavra, nem de língua, mas em obra e em verdade" (1Jo 3.18).

Em outras palavras, são sabotadores, instalados no nosso meio para, se possível, ruir e solapar os alicerces da verdadeira fé. São esses, muito mais do que qualquer manifestação a favor de Cristo que um dia postularam, os proponentes da TMI e TL a se refestelarem em homenagens, afagos e mimos aos êmulos e rivais da igreja e da verdadeira fé dada por Cristo e os apóstolos.

Desses, afastemo-nos; pois eles sempre irão de mal a pior, enganando e sendo enganados (2 Tm 3.13).

Notas: 1-Em si mesmo um eufemismo, visto defenderem caudilhos e ditadores como Fidel Castro, Hugo Chaves (e seu sucessor, Maduro), Evo Morales, Stálin, Lênin, Mao, Kim Jong-un, e outros menos votados; quando não, assassinos confessos do nível de Che Guevara, Lamarca, e o movimento guerrilheiro dos anos 60 e 70, no Brasil, e Farc, Sendero Luminoso entre outros, na América do Sul.

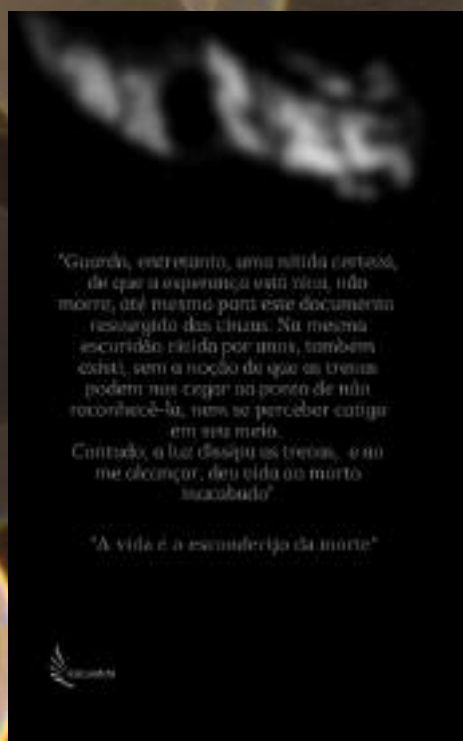
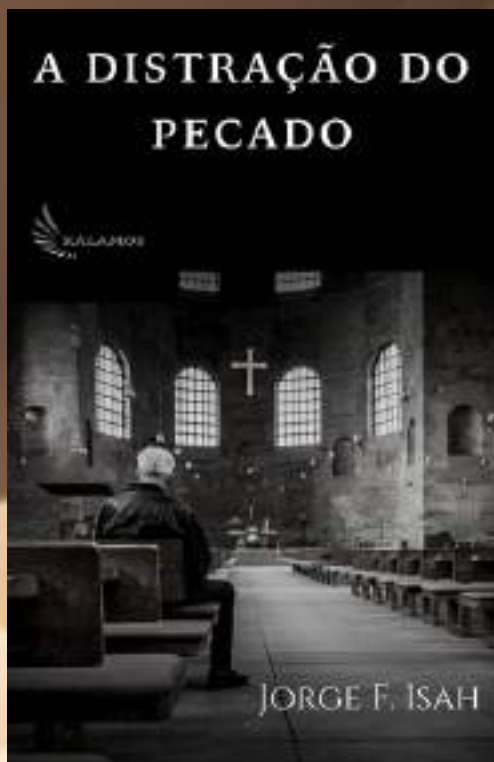
2-Enquanto cristãos são perseguidos, expropriados, torturados e mortos nos países onde os seus "ídolos" governam, os proponentes da TMI e TL não levantam uma voz (ou o dedo) para os defenderem. Pelo contrário, são sistemática e constantemente ignorados pelos ideólogos esquerdistas, em uma prova cabal de espírito anticristão, anti fraternal e anti amoroso, muito distante e antagônico ao discurso com o qual tentam ganhar os tolos; igualando-se ao seu mestre, Judas, o qual se apressou em trair Aquele e aqueles que dizia serem seus irmãos (e alvo de sua "preocupação"). Ver 1 Coríntios 5:9-13.

3-Nesse sentido, até mesmo o aspecto teológico não pode contê-lo, nem ser utilizado para descaracterizá-lo e a sua mensagem de vida, verdade e redenção. Qualquer tentativa neste sentido deve ser encarada como heresia e blasfêmia, e jamais ser tratada com indulgência, comiseração, pois é fel e veneno a matar a sã doutrina.

33-O texto bíblico mostra-nos Judas a trair Jesus por dinheiro, mas também por poder e incredulidade, já que ele não creu n'Ele como o Filho de Deus, entregando-se ao seu ignóbil pecado de satisfazer-se com a morte ou destruição alheia (um dos vários tipos de idolatria). Da mesma forma, a omissão ou desinteresse pelos irmãos espalhados pelo mundo, é a marca mais visível da incredulidade, desconhecimento e ganância (o poder quase onipresente no qual a ideologia controla mentes e corações dos defensores da TMI e TL) dos chamados cristãos "marxistas" (um termo auto excludente em sua formulação desde o início).

TÍTULOS À VENDA

acesse www.kalamos.com.br



PIADAS BEM RUINZINHAS

Um homem conversa com Deus:

- Deus, quanto tempo é um milhão de anos?
- Para mim, cerca de um minuto – responde Deus.
- Deus, quanto é um milhão de reais?
- Para mim, um centavo.
- Deus, pode me dar um centavo?
- Espere um minuto.

Sabe o que o melão estava fazendo de mãos dadas com o mamão perto de Copacabana?

-Levando o mamão papaya.

Como é que faz para um passarinho rir?

Fácil: joga ele na parede que ele racha o bico.

Um argentino, um Sueco e um Nigeriano aguardavam ansiosamente na maternidade o nascimento de seus filhos. Eis que surge a enfermeira e diz:

- Senhores, houve uma tremenda confusão. Os bebês foram trocados e não sabemos mais quem é quem. Só sei que temos 2 brancos e um preto (ou negro).
- Não tem problema - sugeriu o Nigeriano. - Cada um escolhe um bebê e vamos fazer um sorteio para determinar a ordem da escolha.

Feito o sorteio, a primeira escolha coube ao sueco.

Ele entrou no berçário, olhou para os bebês e saiu com bebê preto no colo.

- Mabwana! - reclamou o Nigeriano. - Você pegou o negro (ou preto). Este obviamente é o meu bebê. Eu sou preto (ou negro), minha esposa é negra (ou preta). Me dá este bebê, volta lá e escolha um dos brancos.

E o sueco, já indo embora:

- Tá maluco? Não posso arriscar. E se eu pego o argentino?

Quando eu tiver uma ovelha, vou chamá-la de Rover. Assim, quando eu tosá-la, poderei dizer que tenho "Lã de Rover".

- Quanto custam esses vasos?

- O bom custa 20 e o ruim custa 40.

- E por que o ruim é mais caro?

- Porque vaso ruim não quebra.

Um pai disse ao filho:

- Se você tirar nota baixa na prova de amanhã, me esqueça!

No dia seguinte, quando ele voltou da escola, o pai perguntou:

- E aí, como foi na prova?

O filho respondeu:

- Quem é você?



INTERNÚCLEO
CONSERVADORA E ADMINISTRADORA
(31) 33748115 ou 98403-2524 (WhatsApp)